

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
HABILITAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Raquel Matias Luiz

PROJETO DE VIDA COM JOVENS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO:
Um Jogo como projeto didático

PIRANGA – MG

2023

Raquel Matias Luiz

**PROJETO DE VIDA COM JOVENS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO:
m jogo como projeto didático**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, habilitação em Ciências Sociais e Humanidades, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo.

Orientador: Elias Evangelista Gomes

PIRANGA-MG

2023

RESUMO

Este trabalho teve como foco principal compreender aspectos sobre o processo migratório campo-cidade e os projetos de vida de jovens do Ensino Médio estudantes da Educação do Campo. Como parte de uma preocupação pedagógica com as discussões sobre metodologias no âmbito da disciplina Projeto de Vida, ofertada nas escolas estaduais de Minas Gerais, propõe-se um jogo didático, baseado em rodas de diálogo ou rodas de conversa. Esse quiz educativo foi elaborado como um jogo de cartas com perguntas que trabalham 10 eixos temáticos (território, juventude, migração, políticas públicas, cultura, trabalho, educação e estudos, participação, família e desigualdades sociais), a escolha desses eixos específicos se dá justamente por meio das leituras realizadas nesse trabalho que compõe o referencial teórico, onde esses temas foram vistos com mais frequência e que de certa forma dialogam com a história da juventudes do campo. Com o jogo, buscou-se trazer para a educação escolar reflexões sobre os percursos individuais e coletivos, o contexto social e as perspectivas sobre o passado, o presente e o futuro. Além disso, este produto didático conta com orientações e sugestões para o docente aprofundar mais os temas junto aos jovens estudantes.

Palavras-chave: Juventudes do campo; projeto de vida; migração; jogo

Dedicatória:

Dedico este trabalho a todos da minha família, em especial, à minha mãe, Maria Ferreira, e ao meu pai, José Luiz, ao meu filho, Leonardo, e ao meu namorado, Leandro. Pois são pessoas que estão comigo todos os dias, com apoios e incentivos.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, por me dar força, coragem, perseverança, saúde e fé todos os dias de minha vida. Gratidão também pela minha família.

Agradeço a minha mãe Maria Ferreira, que sempre está presente, me ajudando, auxiliando e incentivando a ir em busca de realização dos meus sonhos. Obrigada por tanta dedicação comigo e com meu filho Leonardo.

Agradeço ao meu pai José Luiz, que sempre me apoiou e me ensinou a persistir em concluir os meus objetivos, sendo para mim um pai exemplar.

Ao meu filho Leonardo, que com carinho e amor, faz com que meus dias sejam mais alegres e felizes e me dá ânimo para continuar. Você é o meu grande amor, um filho abençoado e esperto. Mamãe sempre estará ao seu lado.

Ao meu companheiro Leandro, que sempre esteve ao meu lado com palavras de incentivo e apoio.

Agradeço também à minha comadre, prima e amiga Leidiane pelos anos de amizade, e por sempre torcer por mim e por minha família.

Aos professores, ao coordenador e aos monitores da Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (Lecampo-FAE-UFMG) pela aprendizagem.

Agradeço também o meu orientador Elias que contribuiu em minha trajetória, dando-me suporte e auxílio para realização do meu trabalho.

A turma Ciências Sociais e Humanidades (CSH) Lecampo por estarmos juntos nessa caminhada, um ajudando o outro e todos avançando juntos.

Enfim, agradeço a todos que de alguma forma me orientaram e me ajudaram durante esse percurso. A vocês, o meu muito obrigada.

1. INTRODUÇÃO	6
2. A TERRA ONDE A GENTE VIVE	10
3. MIGRAÇÃO, JUVENTUDE DO CAMPO E PROJETO DE VIDA	16
3.1 Migração	16
3.2 Êxodo rural	19
3.3 Juventudes do campo	24
3.4 Projeto de vida	25
4. PROJETO DIDÁTICO	32
4.1 Metodologia	32
4.2 Orientações gerais	33
4.3 Os eixos temáticos e as perguntas do jogo	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

1. INTRODUÇÃO

Meu nome é Raquel Matias Luiz, resido na área rural, em Córrego das Almas, comunidade Carioca da Cidade de Piranga, Minas Gerais. Sou filha de José Luiz e Maria Ferreira Matias Luiz. Meus pais nasceram e permaneceram no campo. Eles tiveram quatro filhos e sou a mais nova dos irmãos. Meus irmãos, em busca de emprego, migraram para a cidade de Conselheiro Lafaiete e São Paulo, e constituíram família, permanecendo nessas cidades. Desde esse tempo, eles retornam ao campo somente a passeio. Sou moradora do campo e com frequência presenciava o deslocamento de moradores da comunidade Carioca e de seus arredores, que viajavam com destino às cidades maiores, como por exemplo: Ouro Preto, Mariana, Conselheiro Lafaiete e São Paulo. Estudei a Educação Básica na Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel, situada na comunidade Carioca, área rural da cidade de Piranga-MG. Desde a infância, eu apresentava ânimo em estudar, participar das aulas e aprender o que era proposto pelos professores.

Ainda criança, observava alguns amigos indo para a escola e alimentava o desejo de ir também, mas meus pais me explicaram que eu ainda não tinha idade suficiente para ser matriculada. Contudo, eles me ensinaram, em casa, mesmo, a escrever meu nome a contar de 0 a 10. Desde essa época, brotava em mim o desejo de aprender. Era curiosa e todas as palavras que observava, eu perguntava os significados das mesmas. Meus pais e meus irmãos não completaram o Ensino Fundamental, uma vez que a escola ficava distante da comunidade Carioca e impunha enormes desafios, pois na mesma não era oferecido merenda nem materiais escolares para os estudantes. Por isso, toda a minha família desejava que comigo fosse diferente, e foi. Quando completei a idade escolar, havia sido construída uma escola próxima de minha casa, assim a distância não seria um obstáculo para que eu estudasse. Foi nessa escola, a Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel, perto de casa, que me matricularam.

Minha mãe me levava para aula todos os dias, eu ia imensamente feliz com minha mochila rosa. Recordo-me também que meus colegas de turma choravam muito, pois não queriam permanecer na escola, eu, ao contrário deles, estava muito tranquila, mesmo que apegada aos meus pais estava ansiosa para aprender. Para me tranquilizar, minha mãe me abraçava e dizia que me buscaria no fim do dia. Sendo assim, não tinha motivo para ficar apreensiva. Dizem que tudo que é novo assusta, mas, no meu caso, em relação à escola, naquele primeiro momento, só me oferecia experiências boas.

Na adolescência, assim que concluisse o Ensino Médio, almejava dar prosseguimento aos estudos. Minha mãe e meu pai, me animavam, com palavras de incentivo, me mostrando

assim que deveria ir atrás dos meus sonhos. Entretanto, naquele momento, existiam dúvidas relacionadas às dificuldades e aos obstáculos para que o sonho de ingressar em uma universidade se tornasse realidade. Também existia o receio na possibilidade de precisar, deixar o campo e a casa dos meus pais, para dar continuidade aos estudos. Mesmo com tantos questionamentos, estava sempre atenta aos estudos.

Assim, empenhei-me em estudar para conseguir ir atrás do meu sonho até que conheci a Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (Lecampo-FAE-UFMG) e consegui ingressar no referido curso. A Lecampo funciona em regime de alternância e tem como objetivo formar professores para atuar em escolas do campo, nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. O curso recebe estudantes de várias regiões de Minas Gerais e, também, de outros Estados do Brasil.

Ingressei na Lecampo em 2019, na área de Ciências Sociais e Humanidades, sendo as disciplinas de formação Geografia, Filosofia, História e Sociologia. Estudando na Lecampo, consegui perceber a importância dos estudos para nós moradores do campo, pois a Educação do Campo reforça o direito do campesino adquirir conhecimento. Ela contribui também com a comunidade/localidade que possui estudantes egressos do curso, pois atua como incentivo a moradores de áreas rurais a darem prosseguimento à escolarização. Estudando nessa licenciatura, tive a oportunidade de conhecer novas culturas, aprender sobre os movimentos sociais e ampliar meus conhecimentos sobre a valorização do campo.

Em 2021, engravidei do meu filho Leonardo, o meu parto aconteceu no dia 06 de maio de 2022 foi um momento de muita alegria, e felicidades. Com meu filho ao meu lado eu tenho mais forças e determinação para ir em busca de meus sonhos.

No lugar onde resido, as oportunidades de emprego são escassas, os moradores que conseguem trabalhar na localidade, são aqueles que conseguem emprego em fazendas, atuando na cadeia produtiva do leite, desde o plantio da alimentação até os cuidados com os bois e as vacas. A pecuária é uma atividade econômica, desenvolvida na comunidade, ainda que de pouca oferta, colabora com os moradores locais, fornecendo trabalho aos mesmos. É importante dizer que atualmente os fazendeiros locais têm optado pela utilização de maquinários, o que reduz a mão de obra. A substituição do trabalho, que antes era feito manualmente, sofre uma modificação com a chegada dos maquinários, exemplos visíveis são a pecuária e a agricultura, no plantio e na colheita. Antes de aderirem ao uso dos maquinários, essas plantações empregavam vários trabalhadores por um grande período de dias. No entanto, os proprietários de terra preferem otimizar tempo e custo, fato que deixa os moradores socioeconomicamente fragilizados.

Já na cidade de Piranga existem algumas ofertas de emprego como em supermercados, lojas, oficinas mecânicas, marmorarias dentre outros, porém existe grande demanda de pessoas procurando trabalho, então a oferta acaba não atendendo a todos. Os moradores da área rural de Carioca e seus arredores que trabalham na cidade de Piranga precisam enfrentar todos os dias aproximadamente 12 km para ir e 12 km para voltarem para sua localidade, enfrentando dificuldades em dias de chuvas, ou quando até mesmo quando as estradas estão com muitos buracos ou excesso de poeira.

O processo de mudança e deslocamento de pessoas da área rural rumo às cidades recebe o nome de êxodo rural, ou seja, é o processo de imigração de moradores do campo, para os centros urbanos. Isso, geralmente, acontece quando os moradores buscam uma alternativa, de renda, melhores condições de vida e, acessibilidade a direitos sociais, especialmente, visando a área profissional. Esse deslocamento de pessoas do campo retratado acima, supostamente acontece em busca de novas oportunidades, pois o sujeito do campo deixa o seu local de moradia e sai rumo ao incerto, pois nos grandes centros urbanos terá que se adequar a uma nova realidade com alto custo de vida, aluguel e transporte. Vale destacar também as modificações sociais que podem acarretar ao indivíduo, como são os casos dos muitas vezes preconceitos, da ausência presencial dos amigos e dos familiares, mudança na alimentação, que acontece em decorrência da alimentação de produtos superindustrializados, verduras e legumes produzidos com agrotóxicos, pois, geralmente, a alimentação no campo se dá com produtos da agricultura familiar, os quais são cultivados sem uso de agrotóxicos.

Na Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel, localizada na Comunidade Carioca, onde estudei até completar o Ensino Médio, presenciei a saída de alguns estudantes, que por diferentes motivos migraram para cidades maiores. Recordo-me que muitos relataram que se deslocaram em busca de emprego.

O título, Migração e Projeto de Vida entre jovens na Educação do Campo: projeto didático, remete a questões e recordações pessoais, trazendo consigo um contexto de história dos jovens e das famílias do campo, que, muitas vezes, o campo é visto como lugar de “atraso” e a cidade é vista como “desenvolvimento”. Assim, as pessoas não conseguem ver no ambiente rural um lugar bom para viver.

Sendo moradora do campo, constantemente, via-me com incertezas: Como vou conseguir trabalhar? De que forma darei prosseguimento aos estudos, sem sair da área rural? Essas questões ganharam força, também, mediante a observação de moradores, familiares, estudantes e colegas de escola. O deslocamento para fora da comunidade Carioca, uma comunidade rural, é mais comum entre jovens. Antes mesmo de concluírem o Ensino Médio,

partem rumo às cidades maiores, supostamente, em busca de trabalho e melhores condições de vida. Desse modo, com o TCC pretendo refletir sobre a migração e a juventude rural e também oferecer uma opção pedagógica para a reflexão sobre os diferentes temas relacionados aos projetos de vida de jovens do Ensino Médio na Educação do Campo, em conexão com uma proposta política de valorização do ambiente camponês como possibilidade de construção de trajetórias e experiências de vida

O trabalho servirá para auxiliar aos jovens camponeses, que se encontram com dúvidas relacionadas aos seus objetivos e as suas incertezas entre permanecer ou não no campo, pois o projeto didático, em formato de quiz, busca retratar as experiências de vida entre jovens do campo, em diferentes eixos temáticos. Através de um jogo, que pode ser realizado em formato de roda de diálogo, será possível discutir e refletir sobre a forma como estão sendo construídos os projetos de vida entre jovens na Educação do Campo. Dessa forma, as informações, os elementos, os exemplos, os casos, os dados presentes nas possíveis respostas às questões do quiz poderão encorajar os jovens camponeses na reflexão acerca daquilo que almejam para os seus futuros, assim observando de forma detalhada suas experiências vivenciadas no campo. Assim, entende-se que o jogo será capaz de contribuir para a formulação de perspectivas sobre as trajetórias dos jovens e para a produção plural de seus projetos. Substancialmente, visa-se colaborar para uma análise crítica acerca dos fatores que contribuem com o êxodo rural e para a permanência no campo, especialmente dos jovens.

Em suma, produzir informações sobre a migração de jovens e a maneira como os mesmos estão construindo os seus projetos de vida pode agir de forma política para a constituição de demandas para as políticas públicas, direcionadas ao campo, incentivo à educação, à cultura, ao trabalho e à cidadania. De modo mais amplo, o objetivo do jogo didático é contribuir para uma reflexão crítica sobre as desigualdades sociais que afetam o campo, garantindo aos camponeses pensar e lutar em defesa de seus direitos à saúde, à educação, à alimentação, à terra, ao sistema de água potável, dentre outros.

Ao meio acadêmico, por meio deste trabalho o jovem que tiver acesso a ele e ao participar dele poderá construir um conhecimento sobre migração juvenil e seus projetos de vida no meio rural, e, assim, poderá oferecer elementos que permitam a pesquisadores da temática entender os fatores que influenciam esses sujeitos a permanecerem ou não no campo. Ademais, o quiz servirá de suporte para área de Ciências Sociais e Humanidades que direciona estudos sobre a temática de migração em áreas rurais.

2. A TERRA ONDE A GENTE VIVE

Piranga é um município do Estado de Minas Gerais, localizado na região da Zona da Mata Mineira. De acordo com o censo do IBGE 2022, em 2021 sua população estimada foi de 17.018 habitantes. A sua área é de 658,812 km e o clima é tropical. A cidade possui vários comércios como: lojas, bares, mercearias, marmoraria, supermercado, oficinas, hospital, postos de saúde, Correios, bancos, sindicato dos trabalhadores rurais, serviços de assistência social, dentre outros estabelecimentos comerciais e órgãos públicos.

De acordo com Thiago Dias Neves, o primeiro nome que a cidade recebeu foi o de Guarapiranga, Arraial de Nossa Senhora da Conceição do Guarapiranga, e assim Neves nos explica que o motivo desse nome se dá justamente pela devoção à virgem Maria, que chegou ao Brasil por meio do portugueses, e o outro motivo seria por causa do pássaro de nome guará que eram vistos ao arredores do Rio Piranga. De acordo com Neves, a cidade tem sua data de povoamento em 1961. Ainda segundo o autor o ano que marca oficialmente a fundação do Arraial de Nossa Senhora da Conceição do Guarapiranga.

Em Bacalhau, distrito que pertence à cidade de Piranga, acontece o jubileu do Bom Jesus que é uma festa religiosa (FIGURA 1), onde se reúnem os católicos e devotos do senhor bom Jesus de Bacalhau. Para a festa, também é comum o município receber visitantes de outras cidades como de Conselheiro Lafaiete, São Paulo e Belo Horizonte. Muitas pessoas que moram no município de Piranga, fazem penitência ou para professar a fé, vão até bacalhau no Jubileu caminhando ou seja enfrentando mais de 20 km de distância como é o caso dos moradores de Carioca, quando os mesmo realizam esse deslocamento.



FIGURA 1: Foto do Jubileu de bacalhau. Data: 28/08/2022. Fonte: Acervo da pesquisadora.

Na comunidade Carioca, área rural da cidade de Piranga, contamos com uma igreja católica, templo onde muitos moradores vão professar a fé e também são realizados batizados, celebrações semanais, missas mensais, crisma e primeira eucaristia. O padroeiro da Comunidade é o santo São João Batista. Na comunidade Carioca, na noite de 23 de junho, comemoramos a véspera do nascimento de São João Batista, assim acontece a celebração religiosa, com pessoas da própria comunidade e de comunidades vizinhas. Então, é realizada uma procissão, na qual as pessoas caminham, levando a imagem de São João Batista, levantam um mastro e cantam o hino em sua homenagem. Faz parte da tradição da comunidade, e esse evento acontece todos os anos e, à meia noite, as pessoas atravessam a fogueira, isso por que a fogueira é a representação daquela época, pois Isabel, mãe de João Batista, disse para Maria que quando o João Batista nascesse ela iria acender uma fogueira e levantar o mastro, para avisar a chegada de seu filho a Maria mãe de Jesus.

Ouçó relatos de moradores e familiares que antigamente as pessoas da comunidade precisavam se deslocar até a cidade para consultas, vacinas, dentistas e encontraram muitos obstáculos, pois não existia transporte público. Atualmente, a comunidade Carioca é assistida por uma Unidade Básica de Saúde (UBS), vinculada ao Sistema Único de Saúde (SUS), como consta na (FIGURA 2), na qual são oferecidos serviços odontológicos, consulta pediátrica, pré-natal, vacinas, dentre outros atendimentos em saúde pública.



FIGURA 2- foto do posto de saúde. Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Em relação às atividades de lazer, a comunidade conta com um campo de futebol, localizado ao lado da escola, esse espaço é utilizado para aulas de educação física e também por moradores, em jogos de futebol, local onde acontece interação da comunidade e contribui para a diversão de crianças, jovens, adultos e idosos.

A comunidade também conta com o apoio do Centro de Referência de Assistência Social (Cras), onde são realizadas atividades com intuito de trazer para a comunidade diversas formas de habilidades, tais como: orientações, pintura, artesanato, aulas de dança e aula de ginástica. O que traz pontos positivos com conhecimento, lazer e diversão para as pessoas da comunidade.

A comunidade também conta com uma escola estadual. Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) (2019, n.p) da escola Estadual Francisco Ferreira Maciel, a mesma foi fundada em 1925, pelo Senhor Francisco Ferreira Maciel, no porão de sua fazenda, com o intuito de alfabetizar seus filhos e filhos dos seus empregados na localidade de Paracatu, atualmente existem moradores que residem na fazenda (Figura 3).



FIGURA 3: Foto da Fazenda do Sr. Francisco. Fonte: Arquivo da Escola

Ainda segundo o PPP, (2019, n.p), de 1967 até 1986, a Prefeitura Municipal assumiu a unidade educacional, que recebia o nome de “ Escola Estadual de Paracatu”. Conforme registros, em 1999, foi construído pela prefeitura um prédio próprio, na localidade de Carioca, que foi cedido para o Estado em 2000. E pela lei 14.222, de 5 de abril de 2002 a escola passa a denominar-se Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel. A razão da escolha do nome se deu em homenagem ao benfeitor Francisco Ferreira Maciel. A referida escola situada na comunidade Carioca, passou por diversas transformações ao longo do ano, como melhoria de sua estrutura física, com salas maiores, mais acessibilidades para os alunos e professores como mostra a figura 4.



Figura4: Foto da Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel atualmente; Fonte: Arquivo pessoal.

3. MIGRAÇÃO, JUVENTUDE DO CAMPO E PROJETO DE VIDA

Para fundamentar o estudo para a elaboração do jogo didático sobre os projetos de vida de jovens na Educação do Campo, nesta seção, serão abordados aspectos do processo migratório campo-cidade. Assim, busquei textos que abordem a temática da migração, especificamente sobre migração no meio rural; as juventudes do campo, projetos de vida de jovens camponeses, e sobre a disciplina Projeto de Vida, componente curricular do Ensino Médio.

3.1 Migração

Na comunidade Carioca, situada na área rural no município de Piranga, Minas Gerais, é comum vermos moradores migrarem rumo a outras cidades maiores, como Belo Horizonte, Itabirito, São Paulo, Brumadinho, Mariana, dentre outros, alguns migram em busca de trabalho, melhorias de acesso a direito e serviços, moradia etc. Em certos casos, essas pessoas se deslocam até a cidade e retornam somente a passeio na área rural. Grande parte dos que se deslocaram para essas cidades grandes permanecem nesses locais, tendo assim a cidade como local de moradia fixo.

Para aprofundar a minha pesquisa e entender sobre o projeto de vida, migração, êxodo rural, juventudes rurais, procurei textos que nos falam sobre a migração. Nesse sentido, André Braz Golgher (2022) nos informa sobre a forma como é definido o termo migração: “Uma comumente usada no Brasil é a seguinte: o **migrante** é o indivíduo que morava em um determinado município e atravessou a fronteira deste município indo morar em um outro distinto” (GOLGHER, 2004, p. 7). Desse modo, ele nos traz alguns exemplos que explicam o termo migração:

Se eu mudo de bairro em um mesmo município, eu não sou um migrante, pois continuei morando no mesmo município, , isso mesmo que a distância envolvida na troca de domicílio seja muito grande. Eu posso deslocar por muitos quilômetros, como no caso de São Paulo, e continuo não sendo um migrante se permanecer no mesmo município. Agora, se eu moro na cidadezinha na fronteira, mudo de lado na mesma rua e troco de país e de município, eu sou considerado um migrante (GOLGHER, 2004, p. 7).

Com essa explicação de Golgher (2004), vemos que se a pessoa se deslocar, mas ir para o mesmo município ele não será considerado um migrante, esse movimento de sair do campo e

ir morar na área urbana do mesmo município, por vezes acontece na comunidade Carioca, decorrente de pessoas que saem da área rural, para trabalhar em lojas, supermercados, depósitos de construção, marmoraria, trabalhos domésticos, dentre outros trabalhos que são ofertados na região mais central de Piranga-MG.

A migração permeia a história do Brasil e vemos que os migrantes possuem preferência em migrar para alguns estados, supostamente porque são mais desenvolvidos e com maiores chances de oferta de emprego, sobre o processo migratório que acontece no Brasil. Segundo Valério Alécio Turnes (2008, p. 159), “(...) o Brasil, país de grande extensão e heterogeneidade regional muito marcante, apresenta significativos fluxos migratórios internos. Alguns estados tendem a perder população, enquanto que com outros ocorre o contrário.”

Ao comentarmos sobre migração, é importante falarmos na urbanização que ocorreu no Brasil, mais precisamente no século XX, devido uma grande parcela de moradores de áreas rurais deixarem suas comunidades e se destinarem para os grandes centros urbanos. De acordo com Turnes (2008, p.163), “As pessoas foram trocando a vida no campo pela vida na cidade. Assim, aos poucos, quase todas as regiões do mundo foram se tornando mais urbanizadas.”

Enquanto jovem presenciei colegas de classe deixando a escola para irem em busca de emprego, meus três irmãos ainda na adolescência migraram para as cidades de Conselheiro Lafaiete, também em Minas Gerais, e São Paulo, onde vivem há mais de 18 anos, observava ainda vizinhos e moradores, que deixavam o campo e se destinavam as cidades. Sempre buscava entender como esses jovens chegavam a essa decisão, bem como compreender a forma que os mesmos estão construindo os seus projetos de vida e acerca de quais influências sobre a decisão de permanecer ou não no campo. São esses os motivos que me fizeram ter o jovem como foco principal do meu Trabalho de Conclusão de Curso, levando em consideração aspectos/características que envolvem a vida dos mesmos, a sua realidade, ao pensar de que forma o mesmo está vivendo sua juventude se está sendo ofertado direitos, acessibilidade, saúde, educação, lazer, cultura, trabalho, renda etc. Maria Zenaide Alves (2013) nos fala sobre a escolha da investigação dos jovens em sua tese:

Tomar a juventude como objeto das minhas questões de investigação me obriga a definir como estou entendendo essa categoria e reconhecer as múltiplas facetas que a constituem. Ou seja, significa pensar dimensões até certo ponto universalistas (como os aspectos biológicos); dimensões subjetivas, relativas às questões de gênero, raça/etnia, local de moradia, classe social; dimensões etárias, visto que se trata de uma fase da vida para a qual se tem reclamado, cada vez mais, políticas e garantias legais específicas para vivê-la com dignidade; e ainda dimensões simbólicas, uma vez que a juventude, em muitas sociedades e em diferentes contextos históricos, culturais e

sociais, adquire certos significados, tornando-se, em alguns casos, um fetiche ou objeto de desejo, o que muitos chamam de a busca pela eterna juventude (ALVES, 2013, p. 20).

Assim, observo que o meu trabalho dialoga com a tese de Alves (2013), pois compreendo que pensando no jovem cabe a nós pensarmos nos contextos que o envolve, como cultura, local onde reside, classe social, dentre outros, pois assim podemos compreender e analisar de maneira real e verdadeira os jovens e suas questões.

Analisando o que eu observava sobre as pessoas da comunidade Carioca que migraram, sempre me via com dúvidas relacionadas a esse deslocamento. Eu me perguntava como iria conseguir trabalhar, estudar sem precisar deixar o meu local de moradia, uma vez que nunca tive o desejo de migrar. Assim, percebi que era comum, quando um membro da família migrava na comunidade, em seguida, grande parte da família também se deslocava para outras cidades.

Cabe pensarmos nessas pessoas que deixam o campo e vão para as cidades para aparentemente concretizar os seus sonhos, mas, muitas vezes, acabam se frustrando, pois o lugar de destino delas não atende às suas expectativas. Desse modo, é preciso compreender que a pessoa, quando deixa o seu local, está indo a rumo com muitas incertezas, o que pode ter consequências tanto positivas como também negativas, o que pode trazer desapontamento. Golgher (2004) expressa as consequências que essa mudança de localidade pode trazer:

A troca de local de domicílio pode ter profundo impactos sobre a vida de uma pessoa. A migração pode ser uma oportunidade para um indivíduo viver em um ambiente com características sociais, econômicas, políticas e físicas muito diferentes e, na opinião do migrante, melhores do que em seu local de origem. (GOLGHER, 2004, p. 39).

Desse modo, o migrante terá que se acostumar com realidades diferentes, o que acaba gerando alguns sentimentos como a incerteza e, por vezes, a insegurança, até se adaptarem no que agora será sua nova moradia. Muitas vezes, as pessoas que migram deixam para trás suas famílias, amigos e espaços antes frequentados no seu local de origem. Neste processo de problematização sobre os fluxos migratórios, ouvi relatos de pessoas da comunidade que saíram da localidade em busca de emprego e chegando lá não encontraram, sendo assim tiveram que retornar para casa. Golgher (2004) nos fala sobre o processo de adaptação, e as possíveis dificuldades que o migrante pode encontrar.

(...) o processo de adaptação é muitas vezes difícil e envolve um grande custo pessoal. As relações pessoais antigas foram parcialmente rompidas e as novas ainda não foram sedimentadas. O migrante recém-chegado pode ficar um longo período desempregado, vivendo em condições adversas ou mal ajustado em seu novo local de moradia. Em muitos casos as dificuldades são tão grandes ou mal avaliadas que o migrante retorna

para seu local de origem ou busca um novo local de moradia em outra cidade (GOLGHER, 2004, p. 40).

Ainda na perspectiva desse autor, quando o processo de migração é intenso pode também diminuir a população de onde saem e aumentar a população das cidades de destino. Assim, o lugar que recebe esses imigrantes sofre alterações em sua estrutura, pois muitos vão para trabalhar, sendo os moradores desses locais vão precisar ser atendidos nos postos, hospitais, o que aumenta a demanda de profissionais para atendimento. Também podem constituir família e, se tiverem filhos, precisarão se matricular na escola desse local onde estiverem residindo. Então, o local que recebe esses imigrantes precisa fazer modificações para que consigam manter a cidadania e os direitos tanto de quem habitava quanto de quem migrou para o município. Para o lugar de onde as pessoas saem, podemos destacar que por vezes perdem um pouco da sua tradição e a cultura do lugar, pois se espera que os jovens e moradores deem continuidade no que é ensinado e vivido naquele lugar.

A troca de população entre as diversas regiões tem consequências bastante marcantes nas que absorvem ou perdem população. Uma primeira seria o aumento das taxas de crescimento populacional de regiões que recebem migrantes e uma diminuição nessas taxas nas áreas que perdem população. (TURNES, 2008, p. 162).

Observando a migração que acontece na Comunidade Carioca, me fez direcionar o TCC aos jovens, e assim elaborar um jogo didático, e desse modo com a aplicação do jogo será possível entender como os jovens locais estão construindo os seus projetos de vida, podendo assim observar a visão dos mesmos sobre o processo de migração em sua localidade, e se a construção dos seus projetos de vida levam a percepção de sair dos seus ambientes de moradia ou não, trazendo assim as possibilidades e os desafios que serão percorridos durante esse processo de construção de si em outras localidades.

3.2 Êxodo rural

O êxodo rural acontece quando o morador da área rural se desloca para a cidade. O movimento de êxodo rural que acontece no Brasil não é um tema recente. Ele acontece durante anos na história do país, segundo Turnes (2008):

É bastante difundida a informação de que, entre 1960 e 1980, o êxodo rural brasileiro alcançou um total de 27 milhões de pessoas. Poucos países conheceram

movimentos migratórios tão intensos, quer se considere a proporção ou a quantidade absoluta da população rural atingida. (TURNES, 2008, p. 164).

Marques (2014) recorre a estudos de alguns autores em seu texto, e o que me chama a atenção é quando o mesmo cita Stédile (2011), onde Marques diz: “Stédile (2011) divide em quatro períodos o processo de formação brasileira (...) (MARQUES, 2014, p. 33), mas neste momento irei apenas apresentar o que é comentado sobre o terceiro período da formação brasileira, pois ele nos traz informações importantes e uma explicação do que foi vivenciado sobre o êxodo rural no Brasil, e assim por consequência do fim do trabalho escravo, aconteceu uma modificação, na oferta e demanda de trabalho:

O terceiro período de 1850 até 1930 foi marcado por uma grande mudança na questão agrária brasileira. Onde mais uma vez as leis do capitalismo influenciaram na troca da mão-de-obra escrava pela necessidade de desenvolver o mercado interno para sua produção excedente. Não tinha mais como continuar no regime escravista, visto que, outros países como Inglaterra já haviam abolido a escravidão e passou a exercer pressão para a troca daquele que não contribuía mais para o mercado capitalista (o escravo), para que fosse substituído pelo trabalhador assalariado. Passando, então, a terra a ser considerada mercadoria também, com a criação da primeira Lei de Terras em 1850. A criação dessa Lei é sem dúvida importante para determinar a característica da distribuição de terra que se vê hoje no Brasil. A lei proporcionou àqueles que já tinham a concessão de uso a se tornarem donos das terras dando em troca um determinado valor a Coroa. Assim, surge a propriedade privada no Brasil, com características de vasto território nas mãos de poucos. Pois, ao tornar a terra uma mercadoria, os então ex-escravos não tinham condição alguma de comprar, continuando dependente dos grandes fazendeiros. A opção que restava era aceitar o trabalho assalariado oferecido pelos latifundiários. Pode-se dizer, também, que começa o êxodo rural brasileiro nesse período, com o estímulo do trabalho assalariado acontece a imigração de europeus para trabalhar nas lavouras, assim como o início do processo de industrialização, ocorrido no final do século XIX, empurrando os ex-escravos para as cidades para suprir a crescente demanda de mão-de-obra nas indústrias. Esse fenômeno foi intenso até o final da Segunda Guerra Mundial. Sendo esses os primeiros “sem terras” do país, e os primeiros a habitar os cortiços urbanos (MARQUES, 2014, p. 35-36).

Ainda nessa perspectiva de contextualização histórica sobre o êxodo rural vivido no Brasil, Marques (2014) comenta a respeito da migração no país, durante o período da construção de Brasília, havendo naquele momento necessidade de uma demanda maior de trabalhadores para a construção da referida cidade:

O Brasil até metade da década de 1950 era um país essencialmente rural. Com a construção de Brasília no governo Juscelino Kubitschek (1956-1961), houve grande migração de pessoas para os arredores da capital do Brasil. Incentivos do governo levaram ao crescimento da industrialização, juntamente com o aumento das cidades. O meio rural passou por más condições e os trabalhadores começaram a se deslocar para as cidades em busca de melhores condições de vida, ocorrendo o fenômeno chamado êxodo rural (MARQUES, 2014, p.11).

Ao observar o êxodo rural que acontece na comunidade Carioca, em Piranga - MG, percebo as dificuldades que ainda se fazem presente no campo onde resido. A qualidade do sinal telefônico ainda é muito precária, pois a antena existente somente emite o sinal que vem de uma antena de outra localidade denominada Pinheiros Altos e, na maioria das vezes, a antena não funciona, o que dificulta a comunicação das pessoas. Sendo assim vejo que a permanência do jovem no campo, ela é muitas vezes vivenciada com desafios, resalto assim a importância da atuação de políticas públicas tanto na área de saúde e educação como também na comunicação, onde o jovem se sinta também incluído nesse mundo de informações e internet.

A Revolução Verde acontece por meio do desenvolvimento de técnicas em produções agrícolas e, segundo Marques (2014, p. 42), “(...) a agricultura brasileira passou a usar, além de máquina e tratores, fertilizantes e defensivos agrícolas para atingir um melhor desenvolvimento dos vegetais”. A oferta de emprego é muito pequena na Comunidade Carioca. Alguns fazendeiros locais conseguem empregar funcionários que são contratados para trabalharem na área da pecuária, plantio e colheita. O trabalho também sofreu uma queda, pois muitos fazendeiros aderiram o uso das mecanizações, o que fez reduzir o número de funcionários na área rural, que antes era feito manualmente. Assim, observo que a mecanização do campo, trouxe um avanço na questão de economia de tempo em plantações e colheitas, somando rentabilidade para os donos de fazendas, mas, como dito anteriormente, essa modernização do espaço agrário também reduziu os números de funcionários das áreas rurais. Ainda, segundo Marques (2014, p.43), “Para o pequeno produtor a Revolução Verde não foi um bom negócio literalmente, pois, apesar de aumentar consideravelmente a produção, o desemprego entre os trabalhadores rurais e pequenos camponeses foi enorme”. Sendo assim, podemos dizer que a mecanização do campo não foi benéfica aos pequenos produtores e, dessa forma, contribuiu com o movimento de êxodo rural. Sobre isso, Marques (2014) ainda nos diz que:

Com a mecanização do campo, houve a substituição da mão de obra, e aqueles pequenos agricultores que permaneceram no campo não conseguiram implantar as tecnologias, assim sua produtividade baixou não sendo capaz de competir no mercado capitalista com os grandes produtores. (MARQUES, 2014, p. 43).

A industrialização acontece em detrimento da criação de indústrias e inovações, assim, podemos destacar a industrialização como um fator consideravelmente importante que atua na produção um certo interesse do morador do campo em migrar para a cidade. Dessa maneira, a industrialização implementada nas cidades causou uma modificação na economia, como

construção de fábricas, lojas e indústrias. Essas considerações estão em acordo com Antoniazzi, Novak e Silva (2019, p.78) que afirmam que “(...) a industrialização dos centros urbanos também é relevante para a desruralização, pois é um espaço visto como promissor e de melhoria de qualidade de vida, o que nem sempre acontece”. Na perspectiva de preocupação com o êxodo rural dos jovens, os autores Antoniazzi, Novak e Silva (2019) expõem que:

O êxodo rural, em especial dos mais jovens, se torna ainda mais preocupante visto que a população rural está envelhecendo e sucessão familiar fica comprometida necessitando criar condições que garanta sua autonomia na gestão do estabelecimento rural gerando oportunidade de renda e de inserção social e tecnológico. (ANTONIAZZI, NOVAK, SILVA, 2019, p.78-79).

Na mesma direção, no campo onde moro, ouço relato de pessoas que comentam que antigamente na comunidade existiam muitas plantações como de arroz, feijão, milho para o consumo próprio e que no decorrer dos anos isso foi diminuindo muito, pelo fato de que os filhos desses trabalhadores não davam continuidade ao processo de trabalho de seus pais e de suas mães. Isso ocorre em grande medida pela razão de que muitos dos jovens migram para as cidades maiores para conseguir um trabalho e ter um maior rendimento financeiro. Vemos assim que muitos ofícios exercidos no campo podem não ter continuidade, caso o jovem não permaneça em sua terra de origem, causando a não efetivação da sucessão rural. O deslocamento do camponês muitas vezes acontece rumo a cidades, onde se vêem mais ofertas de emprego.

A urbanização acontece por meio do aumento populacional das cidades, se comparado à área rural. Vemos que o êxodo rural contribuiu fortemente para esse processo de urbanização, como afirma Golgher (2008):

As pessoas foram trocando a vida no campo pela vida na cidade. Assim, aos poucos, quase todas as regiões do mundo foram se tornando mais urbanizadas. Dizemos que houve um processo de **urbanização**. Neste processo ocorre um aumento na proporção de pessoas que vivem em cidades e uma diminuição no número relativo de pessoas que vivem no meio rural (GOLGHER, 2008, p. 43).

Vale destacar também que nesse processo de urbanização os centros urbanos sofrem uma modificação demográfica, um aceleração populacional e muitas vezes não tem estrutura suficiente para tal. Em resposta a esse cenário, surgem propostas para conter o avanço do êxodo rural, como aponta Marques (2014, p. 67), ao afirmar que “entre as principais propostas pelos intelectuais está a reforma agrária e a necessidade de políticas públicas de incentivo à agricultura familiar”. Dessa forma, considero realmente importante que se criem políticas

públicas voltadas para o morador do campo e que essas políticas visem o incentivo à agricultura familiar e ofereçam suporte necessário para execução das mesmas.

Fazendo uma análise sobre os motivos que podem levar o morador do campo a deixar a área rural em direção a cidades maiores, que se configura no chamado êxodo rural, é possível levantar questões da falta de políticas públicas direcionadas ao campo, como emprego, acesso, saúde de qualidade e educação. Supostamente o jovem não está escolhendo sair do campo. Na verdade, ele se vê sem escolha e, naquele momento, permanecer no campo não poderá ajudar na concretização dos seus projetos como almeja. Os jovens camponeses e estudantes, para irem às escolas, muitas vezes, precisam enfrentar o barro, em dias de chuvas, pois o transporte escolar não consegue se locomover. Sendo assim, alguns alunos precisam faltar às aulas, em função das longas distâncias entre seus locais de moradia e a escola.

Desse modo, cabe-nos refletir sobre como os órgãos públicos responsáveis pelas políticas de educação observam esse deslocamento do sujeito do campo para os centros urbanos, visto que esse deslocamento pode acarretar diversas consequências, como nos mostra Antoniazzi, Novak e Silva (2019):

O governo deve ser o primeiro a preocupar-se com o esvaziamento do campo, pois essa realidade social tem gerado dificuldade na produção de alimentos básicos, marginalização nos centros urbanos, problemas de saúde já que os alimentos consumidos são mais industrializados, dentre outros fatores que aumentam o custo público. (Antoniazzi, Novak e Silva, 2019, p.79).

Ainda segundo Antoniazzi, Novak e Silva (2019):

O êxodo rural deve ser uma preocupação das instituições do setor público, bem como das entidades representativas da agricultura familiar, pois sua consequência afeta toda a população, dessa forma, as políticas públicas, tanto para o campo quanto para a cidade, devem estimular a permanência da população rural no espaço em que vivem invertendo o processo de desruralização que sempre ocorreu no Brasil. (ANTONIAZZI, NOVAK, SILVA, 2019, p. 90).

Sendo assim, é de fundamental importância, que a temática sobre êxodo rural, seja mais debatida e trabalhada, para que assim o tema ganhe mais visibilidade e, dessa forma, o poder público crie políticas públicas, que atuem verdadeiramente com a população camponesa, trazendo ao campo, mais trabalho, acesso à saúde, educação e ao lazer.

3.3 Juventudes do campo

O tema juventude está ganhando espaço nos debates em vários campos sociais. Alessandra Troian e Raquel Breitenbach (2008, p.790) dizem que “As discussões acerca da juventude têm ganhado respaldo no cenário acadêmico e político, sobretudo nos últimos anos,” Vemos que os presentes debates relacionados às juventudes rurais estão centrados em pensar na sucessão familiar, no que diz respeito ao trabalho com a agricultura e a lida no campo.

O jovem camponês cresce tendo contato com a natureza, as plantações e os saberes tradicionais que são passados de gerações anteriores para as atuais. Sabemos que o jovem pode querer ou não continuar com o trabalho no campo e, ao pensarmos na possibilidade desse jovem abandonar esses saberes locais, rompendo com essa continuidade de trabalho campesino, podemos dizer que isso causa uma perda para o campo. O artigo *Juventude Rural no Brasil: referências para debate* de Leonardo Rauta Martins (2021) nos traz informações no que se refere ao estudo da juventude rural no Brasil, segundo o autor:

A gênese dos estudos de juventude rural no Brasil remonta à segunda metade da década de 1990. Durante muito tempo, estas pesquisas buscaram compreender os determinantes de saída dos jovens do campo e a repercussão desse fenômeno no processo de sucessão rural. Na segunda metade dos anos 2000, no contexto de implementação de políticas de desenvolvimento rural, os estudos de juventude rural passaram a se dedicar ao entendimento das causas da permanência dos jovens no campo. Essas mudanças de enfoque decorre de transformações econômicas, sociais e políticas vivenciadas no rural brasileiro nas últimas décadas e, correlato, da consolidação da juventude rural como ator político de destaque no interior de importantes movimentos sociais rurais (MARTINS, 2021, p. 95).

Desse modo, podemos observar que os debates acerca do tema juventudes rurais acompanham as transformações vivenciadas no decorrer dos anos no Brasil. Essa centralidade se baseia em pensar a conjuntura que envolve o jovem do meio rural, considerando criticamente o que está acontecendo na atualidade e na história, sendo, com isso, possível compor reflexões acerca do espaço rural brasileiro.

Ao dialogar a respeito da juventude rural, é comum que tenhamos definições para se referir a tal categoria. Com relação a isso, Martins (2021, p. 95) afirma que “Consideramos juventude rural uma categoria genérica utilizada para se referir a um conjunto heterogêneo de jovens não urbanos e que se manifesta de forma variada no território nacional.”

Realizando uma análise em relação às características que são impostas pela sociedade acerca dos jovens campesinos e que permeiam o espaço agrário, vemos que muitas vezes, o campo é visto como um lugar de atraso e que não oferece oportunidades, informações

acessibilidade, tecnologia e lazer. Quando o campo é inferiorizado, a ideia de que a cidade é o lugar onde pode ofertar melhorias, onde é caracterizado como o lugar que acompanha a atualidade, ganha força. Assim, Elisa Guaraná de Castro (2009) menciona a associação que acontece entre a juventude rural no Brasil e a migração de moradores de áreas rurais:

A juventude rural no Brasil é constantemente associada ao problema da “migração do campo para a cidade”. Contudo, “ficar” ou “sair” do meio rural envolve múltiplas questões, onde a categoria jovem é construída, e seus significados, disputados. A própria imagem de um jovem desinteressado pelo meio rural contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais (CASTRO, 2009, p. 182).

Assim, vemos que os jovens camponeses vivenciam diferentes experiências sociais em áreas rurais onde residem e que essas experiências, podem atuar na maneira em que os mesmos são caracterizados. Um exemplo disso são os casos de migração que acontecem em comunidades rurais, por vezes podem considerar a migração em si, mas não todo o contexto que acomete esse deslocamento.

A participação dos jovens em assuntos políticos se apresenta como um marco importante para essa categoria. Guaraná (2009), a respeito dessa participação de jovens, levanta alguns exemplos em que acontece a participação juvenil.

(...) os movimentos sociais rurais no Brasil são, hoje, palco do surgimento de novas organizações de juventude como ator político. Isto é fortemente observado em movimentos como no MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), no Movimento Sindical de Trabalhadores Rurais e em organizações religiosas evangélicas e católicas. Embora esse tipo de articulação não seja uma novidade – juventude rural ao longo da história e em muitos países foi uma categoria ordenadora de organizações de representação social – hoje estamos testemunhando uma reordenação desta categoria (CASTRO, 2009, p. 183).

Considero assim a grandeza da força que o jovem possui e pode desempenhar em assuntos que tangem a sociedade. Tendo assim um engajamento com temas que dizem respeito aos seus direitos, com melhorias que envolvam a saúde, educação e reforma agrária, reforçando assim o direito à terra, ao trabalho e à alimentação saudável.

3.4 Projeto de vida

Ao abordar a temática juventude é impossível não refletir sobre questionamentos relacionados aos sonhos dos jovens e a eu organização de uma ação futura. Geraldo Leão, Juarez Tarcisio Dayrell e Juliana Batista dos Reis (2011) mencionam perguntas que envolvem a

construção do projeto de vida, que giram em torno de questões como: "(...) Quem sou eu? Para onde vou?", "Qual rumo devo dar à minha vida?" (LEÃO, DAYRELL, REIS, 2011, p. 1068). Sendo assim, cabe-nos pensar nas possibilidades de fatores, que são considerados para que o sujeito, o jovem, forme sua opinião e construa o seu projeto. Maria Zenaide Alves (2013) direciona sua tese em pesquisar os jovens e expressa os motivos que fez com que ela abordasse o tema projeto de vida:

O gosto por ler biografias me despertou para o tema dos projetos de vida. Sempre, ao final de cada leitura, eu me pegava voltando às memórias do sujeito, tentando entender que aspectos foram mais significativos na sua trajetória, que pessoas influenciaram sua vida, que momentos foram marcantes; indagava-me sobre o processo de construção da identidade e a influência de tudo isso para aquilo que essas pessoas se tornaram. Ou seja, o que me perguntava era como o sujeito foi se tornando quem é. (ALVES, 2013, p. 138).

Em consonância com a autora, quando penso na juventude me surgem dúvidas de como os mesmos criam os seus sonhos, se existem fatores ou limitações que influenciam os mesmos em tomadas de decisões e na escolha do caminho a ser percorrido, nesse sentido de limitações, Alves (2013), se referindo a informações de sua pesquisa, nos traz o seguinte:

Aliado às questões econômicas globais que afetavam diretamente aquela comunidade, o contexto local, carente de referências e informações, sobretudo no campo profissional, impunha àqueles jovens limitações até para pensar possibilidades de futuro distintas dos referenciais empíricos de que dispunham. Ou seja, se por um lado eles sentiam na pele o que estava acontecendo globalmente, por outro eles sentiam dificuldade em avaliar o contexto local e pensar perspectivas de futuro, dada a falta de conhecimento desse contexto. (Alves, 2013, p. 148).

Em nosso cotidiano, é normal nos prepararmos antecipadamente, quando vamos a algum evento, festa, reunião, tais como ações de organização de roupas, horários de destino e retorno. Alves (2013) nos mostra que essas ações se tratam de projeto

É bem provável que por serem ações mais simples, cotidianas, nem sempre denominamos tais ações de projetos. Pode ser que chamemos isso de organização, planejamento, preparativos, mas a ideia é a mesma visto que se trata de "condutas de antecipação". (ALVES, 2013, p. 141).

Podemos apresentar várias definições as quais entendemos como um projeto, podemos pensar no pedreiro que pretende construir uma casa, onde ele tem em mente um projeto definido, como quantidade de cômodos terão a casa, quais tamanhos cada área terá. Mas o projeto de vida, a qual me refiro não se apresenta dessa forma, ele não é algo que foi escrito, que apresenta todo um trajeto a ser seguido, ele se manifesta como projeções que almejamos, e

que ao longo de nossa trajetória de vida, vai sendo construído, podendo até sofrer mudanças no decorrer das vivências. A respeito disso, Alves (2013) expõe:

O projeto de vida, diferente dos projetos arquitetônicos, dos projetos políticos, dos projetos educativos, não são lineares, nem escritos formalmente, com objetivos, metodologia e cronograma a serem cumpridos. (ALVES, 2013, p.166).

Leão, Dayrell, Reis (2011) discutem o desenvolvimento do jovem e os fatores que envolvem o processo de socialização.

O jovem, a princípio, torna-se capaz de refletir e de se ver como um indivíduo que participa da sociedade, recebendo e exercendo influências, fazendo deste o momento por excelência do exercício de sua inserção social. Esse período pode ser crucial para que ele se desenvolva plenamente como adulto e cidadão, sendo necessários tempos, espaços e relações de qualidade que possibilitem experimentar e desenvolver suas potencialidades. (LEÃO, DAYRELL, REIS, 2011, p. 1068).

Em conexão com esses apontamentos, é preciso considerar que as estratégias traçadas para trilhar o caminho a ser percorrido pelo jovem e chegar em seus objetivos devem ser analisadas e construídas de forma cautelosa, pois no decorrer desse caminho, podem acontecer imprevistos, novas oportunidades, dentre outras coisas. Sendo assim, a construção do projeto é uma tarefa árdua, que demanda inteligência e cuidado, pelo fato de que um projeto, quando bem elaborado tende a oferecer um planejamento prévio e a sensação de segurança. Em relação ao que os jovens visam ao construírem o seu projeto, Alves 2013 afirma que:

(...) O projeto pode ser entendido para os jovens como a busca pela autonomia ou seja, a conquista do direito de escolher, de tomar decisões de forma mais autônoma em relação ao mundo adulto (ALVES, 2013, p.158).

Cabe salientar que projeto de vida definido como projeções realizadas por um indivíduo se difere da disciplina Projeto de Vida, que está sendo ofertada nas escolas por meio do Novo Ensino Médio em ensino integral.

O Novo Ensino Médio iniciou nas escolas a partir do ano de 2022. Para melhor compreensão acerca da disciplina Projeto de Vida e a forma como a mesma vem sendo ofertada nas escolas, levando em consideração os profissionais que irão lecionar a disciplina nas escolas, recorre-se a autores do ensino de Ciências Sociais. Segundo Thiago de Jesus Esteves e Rafaela Reis Azevedo de Oliveira (2022), “(...) o Projeto de Vida passa a ser adotado, por uma parcela significativa das redes estaduais de ensino, como é o caso de Minas Gerais, como componente obrigatório no Ensino Médio.” (ESTEVES, OLIVEIRA, 2022, p.3)

A Resolução SEE- MG (2022) nos explica dentre outras coisas, a organização das matrizes curriculares do 1º e do 2º ano do Ensino Médio:

De acordo com MORALES(2022) as mudanças nas escolas acontecem de forma gradual. Desse modo, no ano de 2022, sendo ofertada inicialmente na turma do 1º ano do Ensino Médio, 2023 na turma do 2º ano do ensino médio, e com previsão de que até 2024, estará sendo ofertada para todas as séries do Ensino Médio.

Os autores Neves, Silva, e Vitorino (2022) nos falam como acontece a reforma do Ensino Médio:

A Reforma ocorre sob uma agenda neoliberal, conservadora e autoritária, atendendo fortemente aos interesses do mercado. Sabe-se que há dois posicionamentos a respeito da reforma, incluindo sua relação com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e com outros documentos importantes que se conectam direta ou indiretamente à reforma. (NEVES; SILVA; VITORINO, 2022, p. 53).

De acordo com os autores Thiago de Jesus Esteves e Rafaela Reis Azevedo de Oliveira (2022, p. 2-3), a criação do componente curricular Projeto de Vida surge no Ensino Médio, por meio da implementação da Lei n.º 13. 415/2017 que segundo os autores supracitados recebe também o nome de “Lei da Reforma do Novo Ensino Médio”.

Esteves e Oliveira (2022) comentam sobre as orientações governamentais sobre a implementação do Novo Ensino Médio no estado de Minas Gerais, apontando que:

(...) a Secretaria de Estado de Educação, com a intenção de esclarecer dúvidas e orientar sobre a implementação do Novo Ensino Médio, adotou uma série de ações, incluindo um webinar “Novo Ensino Médio - mudanças para 2022” realizado no dia 26 de novembro, às 14h00, no canal “Estúdio Educação MG”; disponibilizou acesso a curso de formação de docentes para o Novo Ensino Médio, realizado pelo Instituto Iungo, Instituto Reúna e Fundação Itaú Social; e, em sua página na web, deixa disponibilizado para consulta alguns documentos orientadores, link “interessantes” e vídeos. (ESTEVES; OLIVEIRA, 2022, p. 9).

Mesmo com essas orientações, ainda é possível que haja alguns questionamentos de professores, que irão diariamente para as salas de aula e mesmo sem formação específica terão que se esforçar para lecionar, por exemplo, a disciplina de Projeto de Vida que não exige formação específica.

Desse modo, vemos que a disciplina Projeto de Vida indica supostamente um método diferenciado na forma de ensinar e educar o discente, sendo assim, o professor tem a função de trabalhar com os estudantes a disciplina, visando uma construção de sonhos, a vida do mesmo em sociedade. Ao vermos toda essa proposta de ensino, por meio da disciplina, cabe-nos pensar

nos meios que são necessários para que o mesmo se torne eficaz na vida desses estudantes.

Sousa (2020) sobre a disciplina Projeto de Vida nos fala:

Aguça-nos, porém, compreender como uma disciplina, curricularizada, e com aulas pré-definidas, consegue ajudar o jovem a reconhecer-se como “alguém” com conhecimentos, experiências e cultura significantes dentro do contexto social. Olhar para esse jovem sem (pré)conceitos, com um olhar intenso e particular, reconhecendo a importância do que é ser jovem e como responder aos seus anseios, é um projeto desafiador, dentro de um contexto de disciplina, que requer um estudo mais profundo e próximo do cotidiano escolar. (SOUSA, 2020, p.19).

Ainda sobre a disciplina Projeto de Vida, por ter chegado recentemente nas escolas, é capaz de trazer consigo o surgimento de questionamentos relacionados à mesma, tais como dúvidas referentes à formação que o professor precisa adquirir, para lecionar a referida disciplina. Martins e Fraga (2022) nos traz uma reflexão crítica, referente, a possibilidade de professores de diferentes áreas, poderem atuar e ministrar a referida disciplina em sala de aula.

(...) as Ciências Humanas seria a área de conhecimento que concentra seu aprendizado. Mas então, por que esse conteúdo se abriu para todo e qualquer profissional dos diferentes campos disciplinares assumirem a condução desse conteúdo, ainda que não se tenha um corpo técnico correspondente? Do ponto de vista da rede humana ou da profissionalização do conhecimento, não se tem uma base nem de práticas, tão pouco de uma profissionalização, para controlar esse conteúdo. (MARTINS; FRAGA, 2022, p. 2021).

É perceptível que a disciplina Projeto de Vida tem o intuito de ajudar o aluno na construção dos seus projetos, individuais e sociais. Mas para se chegar à efetivação dos projetos, de forma eficaz, é preciso que se perceba que existem diversos fatores que envolvem essa questão. Quando pensamos, por exemplo, no mundo do trabalho, não basta somente ter conhecimento sobre determinado serviço, ou até mesmo acerca da formação, é preciso que se pense na realidade do local, pensar se aquele lugar oferece esse trabalho. Sendo assim, observo que nessa situação do trabalho, o jovem do campo, por vezes, não tem acesso ao trabalho dentro de sua localidade e pode ter certas limitações quanto a isso. Desse modo, vejo que para os professores trabalharem a disciplina Projeto de Vida, precisam considerar tais especificidades, pois, segundo Alves (2013),

(..) os limites sociais, econômicos e culturais aqui estão expostos os jovens do campo o mesmo do interior do Brasil ainda configura, nessa virada de século, um dos fatores de desigualdade interna dentro do Brasil e de exclusão das populações que vivem fora dos grandes centros urbanos. (ALVES, 2013, p. 149).

Sobre essa diversidade existente e a oferta da disciplina de Projeto de Vida que tem objetivos de auxiliar o jovem e, dentre outras propostas, contribuir com o jovem no desenvolvimento de suas habilidades, Sousa (2020) diz que:

(...) vivendo em uma sociedade tão desigual, com tantos problemas de ordem social e econômica, atender e entender os jovens, em meio à diversidade que marca a condição juvenil, não é tarefa fácil para a escola pública, mesmo com uma proposta de atendimento em tempo integral, e com disciplinas que propõem a comunicação entre a escola, o mundo particular e peculiar de cada estudante e a comunidade. (SOUSA, 2020, p. 20).

Nessa perspectiva, a disciplina de Projeto de Vida trabalha as questões pessoais, sociais e trabalha também a questão profissional. Desse modo, ela traz consigo uma visão de que o estudante se torna capaz de empreender, como sendo uma alternativa para se chegar ao mundo do trabalho, portanto sabemos que a realidade de uns podem não ser iguais a de outros. Martins e Fraga (2022), em relação à disciplina expressam a crítica:

O Projeto de Vida tal como se apresenta nas escolas hoje, oferece uma dimensão simplificadora da realidade, quando sugere uma possibilidade das trajetórias individuais focadas na aventura empreendedora, como a grande alternativa de um mundo do trabalho “dissolvido” no ar. Nesse formato não apresenta espaço de conciliações ou de somas de conhecimento e, segundo se observa, nos parâmetros de sua implementação no Brasil, poderá isolar determinadas formas de interpretação da realidade para impor um olhar pouco afeito ao debate complexo da constituição dos diferentes contextos sociais que se aplicam escola de massa. (MARTINS E FRAGA, 2022, p. 227-228).

É preciso compreender que no decorrer do percurso, cada indivíduo possui uma vivência, uma história, uma experiência, e que carrega consigo as suas próprias limitações. As autoras Joddana Rocha de Almeida e Maria Zenaide Alves (2021) comentam sobre as diferentes possibilidades do jovem para construção do seu projeto de vida, pois "para os/as jovens de algumas classes sociais o campo de possibilidade é muito maior do que para outros/as." (ALMEIDA, ALVES, 2021, p. 27).

É importante que a escola e a família atuem em conjunto para servirem como base e incentivo na construção dos projetos de jovens, onde os mesmos no Ensino Médio, ao concluírem a formatura, não fiquem sem um planejamento e estejam mais seguros. De acordo com Dayrell, Carrano e Maia (2014).

O Ensino Médio é uma etapa de formação não apenas intelectual-cognitiva, mas também um momento de construção de identidades e de pertencimentos a grupos distintos, de elaboração de projetos de vida, ainda que as condições e os percursos dos

jovens sejam bastante distintos. É uma fase de ruptura e de reconstrução (DAYRELL, CARRANO E MAIA, 2014, p.149).

Vejo também a necessidade que se criem materiais da disciplina Projeto de Vida que dialoguem com a Educação do Campo, tendo em vista as especificidades dos jovens camponeses, e a realidade local onde os mesmos residem.

4. PROJETO DIDÁTICO

Com o objetivo de contribuir com as aulas de Projeto de Vida, sob a ótica das Ciências Sociais e Humanidades, foi elaborado um quiz educativo, um jogo de cartas, com perguntas para serem utilizadas em rodas de diálogo na sala de aula. Com essa proposta, o objetivo é fazer com que os jovens se sintam mais livres a se expressarem, e assim o professor, por meio dessas questões, poderá observar as interações dos estudantes e também exercitar suas características de professor pesquisador, permitindo-se conhecer as experiências e expectativas sociais dos jovens com quem trabalha na Educação do Campo sendo assim, foi elaborado um jogo de cartas com aulas interativas que visam a reflexão e participação dos estudantes.

4.1 Metodologia

Considerando as preocupações com a migração juvenil, busquei elaborar um jogo didático, a partir da minha pergunta de pesquisa, que consistiu em analisar como os jovens da comunidade Carioca estão construindo o seus projetos de vida e como isso os influenciam a permanecer ou não no campo.

Para este trabalho, utilizei o método de pesquisa qualitativa. No livro “Pesquisa social Teoria, Método e Criatividade”, a autora Maria Cecília de Souza Minayo (2001), refere-se à pesquisa qualitativa da seguinte forma: “(...) ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 21).

Dessa forma, o jogo didático está relacionado às características da pesquisa qualitativa, pois pretendo instigar a problematização da realidade do estudante, os motivos, os valores que cada um carrega dentro de si, e também observar as atitudes dos estudantes enquanto jovem e morador do campo.

Na escola Estadual Francisco Francisco Ferreira Maciel, localizada na comunidade Carioca a disciplina de Projeto de Vida, está sendo ofertada para o Ensino Fundamental II em tempo integral, nas seguintes turmas: 6º ano, 7º ano, 8º ano e 9º ano. No Ensino Médio em 2022, somente para a turma do 1º (primeiro ano). Em 2023 para a turma do 2º ano do Ensino Médio.

4.2 Orientações gerais

O jogo de perguntas a seguir é composto por dez eixos temáticos, eixos esses que considero importantes para se trabalhar dimensões que fazem parte das vidas dos jovens na Educação do Campo. O jogo é composto por questões que podem atuar até mesmo para resgatar memórias, ampliar o conhecimento, trazer novas indagações, contribuindo para uma formação humana, reflexiva e crítica entre os estudantes jovens. Desse modo, optou-se pelos seguintes eixos temáticos: Eixo 1 - território; eixo 2 - juventude; eixo 3 - migração; eixo 4 - políticas públicas; eixo 5 - cultura; eixo 6 - trabalho; eixo 7 - estudo, eixo 8 - participação, eixo 9 - família, eixo 10 - desigualdades. Cada eixo contará com três questões e também orientação para o professor desenvolver com os estudantes determinada questão, possibilitando a ele aprofundar as discussões junto aos jovens. Cabe ressaltar que a escolha dos eixos temáticos acontece por meio das leituras durante a escrita deste trabalho, onde as temáticas se aproximam da realidade do jovem camponês.

Entende-se que a metodologia de roda de conversa seja a mais apropriada para a realização do jogo. Para a sua operacionalização, propõe-se que o professor escolha um espaço onde os estudantes possam se sentar em círculo, de modo que todos tenham uma visão mais ampliada dos demais que estão participando e também se sintam mais interessados a participar dessa roda de diálogo. Acredito que seja interessante escolher as questões de maneira aleatória com sorteio na própria sala, assim será uma aula mais dinâmica. As questões também podem ser impressas ou projetadas em tela de data show. O tempo cabe ao professor observar quanto tempo é necessário e suficiente para que sejam trabalhados todos ou maior parte dos eixos temáticos.

Antes de iniciar o jogo de perguntas, é apropriado conversar com os estudantes que se trata de um *game* não competitivo, mas sim um jogo onde terá questões, reflexões e temas atuais, no qual as participações deles serão muito importantes e que trarão a eles aprendizados. Além disso, o jogo tem um caráter cooperativo entre os estudantes, de maneira que possam contribuir com suas perspectivas, sonhos e análises. Por meio do jogo, a turma conhecerá novas opiniões, que podem ser convergentes ou divergentes, sendo assim, é importante manter o respeito às diversas maneiras de pensar e ver o mundo, e que quando se trata de opiniões não se espera concluir quem é certo ou errado, basta ouvir e não julgar, somos livres para pensar e também agir, temos que ter plena consciência disso.

Ressalto que o jogo será ainda melhor desenvolvido após a defesa deste TCC, considerando-se a necessidade de elaboração de regras, novas orientações, problematização das

perguntas e orientações docentes e também desenvolvimento de aspectos visuais para a sua disponibilização para o público. Espero que gostem e que possam ter uma aula produtiva e dinâmica.

4.3 Os eixos temáticos e as perguntas do jogo

Eixo 1: Território

Questão 1: O que você gosta mais do local onde reside?

Orientação docente: Observar se os estudantes trazem aspectos e características da sua localidade, que os façam sentir identificados, acolhidos e pertencentes ao local. É possível também perguntar sobre elementos que não apreciam no local.

Questão 2: “O campo traz paz para a alma e, ainda, muitos benefícios para o corpo”. Você concorda com essa afirmação?

Orientação docente: Estimule os estudantes para que mencionem diferentes benefícios. Pode examinar o que entendem por “paz para a alma”, quais são os sentidos atribuídos à ideia de paz no campo. Pode perguntar: existe paz no campo? É possível abordar aspectos relacionados aos conflitos, lutas e conquistas no campo.

Questão 3: De 1 a 5, nos últimos anos, qual nível de melhoria que você observa na comunidade?

Orientação docente: é possível que os estudantes perguntem “melhoria em qual sentido?”. Explique: melhorias na infraestrutura, nas relações entre as pessoas, nos serviços prestados pelos órgãos públicos etc. Investigue as razões de darem notas baixas, médias ou altas e ainda pergunte que tipo de melhorias que pensaram ao responder. Tente identificar de que maneira eles imaginam ser possível conquistar melhorias para a comunidade, como por exemplo através de políticas públicas e mobilização social.

Eixo 2: Juventude

Questão 1: Em três palavras, defina o que é ser jovem.

Orientação docente: Destaque a diversidade e as semelhanças nas respostas, destacando a pluralidade de ser jovem e ao mesmo tempo as semelhanças. Sendo assim, explicar que mesmo estando na mesma faixa de idade, cada um vive de uma forma e, por esse motivo, as definições podem ter sido diferentes. É possível que surjam elementos relacionados às desigualdades sociais vivenciadas pelos jovens, relacionadas à condição de classe, gênero, raça, orientação sexual, território e acesso a serviços e direitos. Para o aprofundamento, é possível recorrer a conceitos e teorias das Ciências Sociais relacionados a essas desigualdades.

Questão 2: Você acredita que a juventude seja um período de novas descobertas?

Orientação docente: Aprofundar o tema apresentando quais são essas possíveis novas descobertas. É possível questionar se as descobertas geraram algum conflito entre eles e outros grupos etários, como crianças, adultos e idosos. Também é possível perguntar o que eles ainda pretendem descobrir, conhecer e aprender.

Questão 3: Considerando os últimos anos, de 1 a 5, defina o seu grau de felicidade.

Orientação docente: Refletir sobre o que entendem por felicidade, explicando que as pressões do mundo contemporâneo para o trabalho, a estabilidade financeira e emocional, o excesso de ostentação nas redes sociais têm levado muitos jovens não se sintam realizados. Pergunte o que os deixam felizes e também o que os chateiam, explicando que tristeza, frustração e chateação, não são necessariamente sinônimos de infelicidade. Porém, se algo é muito contínuo é importante procurar apoio de amigos, parentes e também de profissionais.

Eixo 3: Migração

Questão 1: Se você tem parentes que saíram da comunidade, para quais cidades eles migraram?

Orientação docente: Você pode investigar se o deslocamento do parente do estudante realmente se configura como migração e quais motivos o levaram a migrar. É possível usar um mapa e localizar em quais cidades e distâncias os parentes estão morando e questionar se eles têm algum diálogo na família acerca de mudar para outra localidade.

Questão 2: Se você hoje pudesse escolher seu futuro você passaria sua adolescência, juventude, adultez e a velhice no campo?

Orientação docente: Investigar as razões de sim e não e sobre casos em que os jovens possam mencionar que em alguma etapa da vida sim e na outra não. Pode perguntar, tanto para quem respondeu sim ou não, o que o faria mudar de ideia, destacando aspectos valorativos.

Questão 3: De 1 a 5, qual a probabilidade das pessoas, conhecidas por você que migraram para cidades maiores, retornarem ao campo?

Orientação docente: Aprofundar a discussão sobre os motivos de retornar ou não. Para exemplificar, procure saber se parentes e conhecidos já mencionaram motivos para voltar ou não para a cidade. Se eles mencionam sentir saudade de algo na comunidade.

Eixo 4: Políticas públicas

Questão 1: Cite exemplos de políticas públicas que chegam ou que são realizadas em sua comunidade.

Orientação docente: Conversar com os estudantes a respeito da importância de políticas públicas e de como elas atendem a eles no cotidiano. Pode apresentar o

conceito e ciclo de políticas públicas, para que entendam a complexidade e a importância da participação da comunidade para a qualidade dos serviços públicos ofertados às pessoas.

Questão 2: O serviço público de saúde prestado na comunidade tem qualidade?

Orientação docente: Investigar se os estudantes conseguem ter acesso a tratamentos de saúde oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Procure questionar a ideia de que sempre os serviços públicos são ruins. Que tem todos os procedimentos de saúde podem ser ofertados em comunidade, mas há a necessidade garantir acesso a tratamentos mais complexos em outras localidades. Pesquise exemplos de cidades que conseguem ofertar um bom serviço público de saúde. É possível variar esta questão com outros temas de políticas públicas, como educação, mobilidade, meio ambiente, trabalho, direitos humanos etc.

Questão 3: Para o trabalho do poder público em sua comunidade, no decorrer dos anos, qual nota você daria?

Orientação docente: Questionar as razões das notas baixas, médias, altas. Investigar se estão avaliando mesmo as políticas públicas ou os políticos. Pergunte sobre maneiras de exigir que o poder público ofereça melhores serviços à comunidade. Procure exemplificar alguma melhoria que ocorreu na comunidade, mas também abra espaço para discutir o que é preciso mudar e melhorar e as formas disso acontecer.

Eixo 5: Cultura

Questão 1: Em uma frase, explique como a cultura está presente na sua vida.

Orientação docente: Você pode conversar com os estudantes sobre as memórias acerca das manifestações culturais em suas regiões, deixando que os mesmos relatem sobre como a cultura é vivenciada junto com seus amigos e parentes.

Questão 2: Você respeita práticas de culturas diferentes das suas?

Orientação docente: Levante exemplos de preconceitos contra a diversidade cultural, mostrando aos alunos que além de antiético não respeitar a cultura do outro, em muitos casos previstos na legislação, também configura crime. Pergunte para a turma como é possível respeitar outras práticas culturais diferentes.

Questão 3: De 1 a 5, avalie as políticas públicas da cultura na nossa cidade?

Orientação docente: Conversar com os estudantes sobre se os mesmos observam a presença efetiva das políticas da cidade e como elas chegam à comunidade, e por que eles chegaram a tal conclusão. É possível perguntar sobre como imaginam melhorar as políticas de cultura na comunidade. Também é possível sondar se sabem diferenciar ações culturais que são desenvolvidas pela própria comunidade, com ou sem apoio, e aquelas que são realizadas exclusivamente pelos órgãos governamentais.

Eixo 6: Trabalho

Questão 1: De que maneira o trabalho está presente em seu cotidiano?

Orientação docente: Observar as percepções que os estudantes têm do trabalho na atualidade e ao longo do tempo. Por exemplo, explicar que mesmo não trabalhando empregado e sendo remunerado, o estudante pode exercer o trabalho dentro de sua casa, nos afazeres domésticos, ou até mesmo ajudando a família a construir uma horta, buscando lenha, colhendo frutas, dentre outros trabalhos conhecidos no campo.

Questão 2: Existem ofertas de trabalho na nossa comunidade?

Orientação docente: Dialogar com os estudantes se a oferta de emprego na localidade atende a quantidade de pessoas que precisa ou que procura trabalho. Pode-se levantar que tipos de oferta de trabalho, emprego, renda estão disponíveis na região e na

localidade. Para aprofundar, pode perguntar se desejam ingressar, no futuro, em algum tipo de trabalho ou emprego ofertado.

Questão 3: De 1 a 5 avalie essa afirmação: As máquinas somente trouxeram pontos positivos para o mundo do trabalho no campo. 1 não concorda 5 concorda muito.

Orientação docente: Lembrar que se trata de um senso comum, pois, embora as máquinas sejam importantes no campo, elas também implicam em descarte de mão de obra humana e desemprego. Pode-se questionar como imaginam equacionar a presença de máquinas e tecnologias no campo e a inclusão para o trabalho e a renda no campo.

Eixo 7: Estudo

Questão 1: Para viver bem e trabalhar no campo, quais são os conhecimentos que você precisa ainda adquirir?

Orientação docente: Dialogar com os estudantes sobre as pessoas que vivem durante todos os anos de sua vida no campo, na localidade onde os mesmos residem. Investigue com a turma quais conhecimentos e estratégias acreditam que foram necessários para quem decide permanecer no campo.

Questão 2: Para os jovens da comunidade, é fácil ingressar em uma faculdade ou numa escola técnica?

Orientação docente: Fazer uma análise das respostas dos estudantes, observando as suas visões sobre o grau de facilidade e de dificuldade para o ingresso dos moradores em faculdade ou escola técnica, e de acordo com as respostas investigar as razões que isso acontece. Pode perguntar sobre conhecimentos que têm acerca de pessoas que conseguiram atingir outros níveis de ensino. É interessante se você souber mencionar outras unidades educacionais de nível superior e técnico que a turma não conheça. É possível apresentar a pedagogia em alternância e também cursos presenciais e a distância.

Questão 3: Quais cursos você gostaria que fossem ofertados para você morador do campo? E como isso iria beneficiar você e sua comunidade?

Orientação docente: Poderá debater a respeito de como a questão da valorização de salário em relação à escolarização é observada pelos estudantes, questionando os se os mesmos almejam receber melhor, se a média dos salários locais em relação à escolarização, são considerados suficientes para as despesas. É possível problematizar que morar em cidades grandes o salário pode ser maior, contudo, em muitos casos, as condições de vida são bastante precarizadas.

Eixo 8: Participação

Questão 1: Como o jovem pode participar da política e ajudar na construção de melhorias para sua comunidade?

Orientação docente: Leve para a turma exemplos de participação de jovens que trouxeram alguma mudança social, mas primeiro, pergunte se conhece casos em que os jovens contribuíram para transformações sociais. Além disso, é possível sondar se há engajamento e militância entre eles e entre seus parentes e vizinhos.

Questão 2: No âmbito da política, você se considera uma pessoa participativa?

Orientação docente: Analisar os motivos que os fazem se considerar participativos ou não, levando-os a recordar que votar contribui com a cidadania do país, mas que a participação política democrática não se limita ao períodos das eleições. Busque questionar se conhecem outras formas de participação política: como movimentos sociais, ativismo digital etc.

Questão 3: De 1 a 5, classifique a frase de Elisa Guaraná no texto *Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político*. "A própria imagem de um jovem desinteressado pelo meio rural contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de

identidades sociais e, portanto, de demandas sociais." (GUARANÁ, 2009, p. 182.) 1 não concorda 5 concorda muito.

Orientação docente: Após a resposta você terá coletado várias informações, dentre elas, seria importante perguntar a eles se se identificam com essa imagem de jovens desinteressados pelo meio rural, e se eles têm convicção que isso poderá acarretar em problemas, como ser desconsiderados como uma voz ativa. Pode perguntar a eles como consideram ser possível ser entendidos pela família, pela sociedade, a comunidade como sujeitos de direitos e sobre os modos como podem conquistar esses direitos.

Eixo 9: Família

Questão 1: Cite exemplos de como sua família está presente nos hábitos cotidianos?

Orientação docente: Poderá trazer a reflexão que mesmo que a família não esteja presente fisicamente em todos os momentos, é possível sentir o apoio deles, conselhos em todos os momentos, bem como em modos de ser, pensar, sentir e agir. É possível perguntar que tipo de hábitos gostariam de mudar em si mesmos, na relação com suas famílias ou em relação aquilo reproduzem como hábitos de seus parentes.

Questão 2: A boa convivência em família, nos ajuda na vida pessoal e também profissional, você concorda? 1 não concorda 5 concorda muito.

Orientação docente: Problematize o que entende por boa convivência. É possível perguntar de que maneira e quais são as influências da família sobre os relacionados pessoais e profissionais. Ampliar o debate com questões se os mesmos já tiveram exemplos na vida em que sem a família não poderiam ter tido resultado satisfatório.

Questão 3: Como você imagina o seu futuro, deseja que seja parecido com a de seus familiares?

Orientação docente: Dar sequência a discussão, pedindo com que eles expliquem quais são os pontos que eles gostariam que fossem parecidos ou não, observar se a maioria irá citar pontos positivos ou negativos, sendo assim ao final das respostas, pedir para que elaborem possíveis alternativas para que o seu futuro seja diferente ou similar a de seus familiares.

Eixo 10: Desigualdades

Questão 1: Quais desigualdades sociais atrapalham na construção do projeto de vida?

Orientação docente: Conversar com os estudantes se os mesmos sentem que em algum momento da vida foram prejudicados ou limitados por alguma desigualdade. Conversando com eles e explicando que existem desigualdades de classe, raça, gênero, orientação sexual, dentre outras, e que eles precisam ficar atentos quando essas desigualdade e preconceito se manifestam, uma vez que certas práticas podem se configurar em atos como racismo, machismo, misoginia, LGBTQIA+fobia, xenofobia.

Questão 2: Sendo um jovem do campo, se você tivesse a oportunidade de conversar com um responsável do poder legislativo e propor leis, para acabar com as desigualdades observadas no campo, o que iria propor? Em uma escala de 1 a 5, como você acredita que essas leis poderiam agir de forma a beneficiar a comunidade.

Orientação docente: Trazer para os estudantes a importância de movimentos de jovens, mostrando a eles que se não existir reivindicações, o poder público não irá atuar naquela localidade para a garantia dos direitos demandados. Se uma comunidade é unida e tem a participação dos jovens se torna mais fácil de organizar ideias e que as diferentes visões sobre os mesmos problemas podem trazer avanços para as lutas por melhorias para aquele lugar.

Questão 3: O artigo 5º da Constituição Federal, dentre outras palavras, diz que todos são iguais e possuem direitos como direito à vida, à liberdade, à igualdade, etc. Você acredita que o

país segue funcionando dessa maneira como está escrito na constituição citada anteriormente?
Como você tem vivenciado esses direitos? Escolha de 1 a 5.

Orientação docente: Conversar com os estudantes sobre as lacunas existentes na eficácia das leis do país, onde muitas ficam somente na parte teórica e na prática não funcionam. Sendo assim, é importante destacar exemplos de lideranças e movimentos que reivindicam certos direitos e correm atrás de fato da efetivação dos mesmos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de vida, quando pensado em projeções, nos faz refletir sobre os vários tipos de sonhos que um jovem é capaz de ter, quando pensado nas juventudes do campo, vemos que esses jovens muitas vezes não terão em seus locais de moradia um espaço onde consiga encontrar um trabalho, dar prosseguimento aos estudos, ter acesso a tratamentos médicos específicos, dentre outros.

O êxodo rural que acontece durante anos mostra que os moradores ainda necessitam de alternativas escolares, empregatícias e de outras políticas públicas em lugares diferentes de seus territórios de origem. Sendo assim, a permanência no campo traz alguns desafios que necessitam ser analisados pelo poder público com o foco em uma melhor qualidade de vida aos moradores.

Quando se pensa na disciplina Projeto de Vida, podemos observar que é um componente curricular que traz a possibilidade de um maior engajamento dos estudantes com reflexões sobre seus territórios, perspectivas e condições sociais. A depender de como é trabalhada, pode abordar percursos, objetivos e experiências. Porém, para que tenha eficácia nas escolas, é necessário ser revista e estudada, pois os professores que a lecionam precisam ter uma formação específica, ou seja, uma área ou curso voltado/ direcionada para Projeto de Vida, para trabalharem a disciplina nessas escolas, sendo assim professores de diferentes matérias se tornam aptos a lecionarem.

Desse modo, cabe a nós pensarmos se de fato isso seria o correto, e se o professor se sentirá seguro e com recursos suficientes para estar atuando na referida disciplina em sala de aula, uma vez que durante e a sua graduação não sabiam nem da existência dessa disciplina ou que a mesma seria ofertada nas escolas de Minas Gerais. Mediante isso foi elaborado um quiz educativo que tem como objetivo trabalhar com os jovens 10 eixos temáticos, trazendo um momento de reflexão e diálogo entre professor e os estudantes.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. R; ALVES, M. Z. **Juventudes e Projetos de Vida**. Ebook, Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2021.

ALVES, Maria Zenaide. Ser alguém na vida: condição juvenil e projetos de vida de jovens moradores de um município rural da região de Governador Valadares-MG. 2013. 213 f. **Tese** (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 2013.

BREITEBACH, R; TROIAN, A. Jovens e Juventudes em estudos rurais do Brasil. **Interações**, Campo Grande, MS, v.19, n. 4, p. 786-802, out./dez.2018. <https://doi.org/10.20435/inter.v19i4.1768>

CASTRO, E. G. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niñez y Juventud, 7(1), 179-208. 2009.

DAYRELL, J; CARRANO, P; MAIA, C. L. (orgs). **Juventudes e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ESCOLA ESTADUAL FRANCISCO FERREIRA MACIEL. **Projeto Político Pedagógico: da Escola Estadual Francisco Ferreira Maciel**. Piranga - MG, 2019.

ESTEVES, T. de J.; OLIVEIRA, R. R. A. de. Projeto de Vida em Minas Gerais. Vale tudo? perfil docente deste componente curricular do Ensino Médio. **RTPS - Revista Trabalho, Política e Sociedade**, [S. l.], v. 7, n. 12, p. e-610, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/rtps/article/view/610>. Acesso em: 22 jun. 2023.

GOLGHER, A. B. **Fundamentos da migração**. Texto para discussão nº 268. Belo Horizonte: UFMG/ CEDEPLAR, 2004. Disponível em: < <http://www.cedeplar.ufmg.br/>>. Acesso em: 8 de Junho de 2023.

LEÃO, G; DAYRELL, J. T.; REIS, J. B. **Juventude, projetos de vida e ensino médio**. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out./dez. 2011.

MARQUES, Z. S. Os intelectuais “contemporâneos” e o debate atual sobre o êxodo rural no Brasil: uma abordagem sociológica. **Trabalho de conclusão de curso** (graduação) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Erechim, RS, 2014.

MARTINS, L.R. Juventude Rural no Brasil: referências para debate. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 29, n.1, p. 94-112, fev. 2021. DOI: <https://doi.org/10.36920/esa-v29n1-7>. Data de acesso: 10 de Março de 2023.

MARTINS, R.; FRAGA, P. Projeto de Vida: o que a Sociologia no Ensino Médio pode dizer ou fazer sobre esse tema?. GOMES, E.; DURAES, B.; SÁ, T. (Org). **Formação docente e ensino de Ciências Sociais no Brasil**. Alfenas-MG: Ed. UNIFAL-MG, 2022.

MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORALES, J. **Novo Ensino Médio: o que motivou a mudança, como vai funcionar, desafios**, 2022. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/novo-ensino-medio-o-que-motivou-a-mudanca-como-vai-funcionar-desafios/amp/>. Acesso em 14 de Junho de 2023.

VITORINO, K.N.S; NEVES, B.R.A; SILVA, C.B. da; Construção da Reforma do Novo Ensino Médio no Cenário Educacional Brasileiro: fragilidades e incoerências. **Confluências: Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, v.24, n.3, p.52-71. 1 de dezembro de 2022.

SILVA, S. S. da; ANTONIAZZI, E. A.; NOVAK, M. A. L. O Pronaf como instrumento de fixação do agricultor familiar no campo, evitando o êxodo rural. **Desenvolvimento Socioeconômico em Debate**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 66–93, 2019. DOI: 10.18616/rdsd.v5i2.4545. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/RDSD/article/view/4545>. Acesso em: 01 dez. 2022.

SOUSA, M. A. M. Juventudes e a disciplina Projeto de vida em uma escola em tempo integral de catalão-GO. **Dissertação Mestrado**, Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Educação, Catalão, Programa de Pós-Graduação em Educação, Catalão. 156 f . 2020.

TURNES, V. A. Reflexões sobre fluxos migratórios internos de populações no estado de Santa Catarina. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, 4(1), 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.54399/rbgdr.v4i1.119>. Data de acesso: 12 de Maio de 2023.

NEVES, D. N; **Dicionário Geográfico e Histórico de MG**. Disponível em: <https://www.piranga.mg.gov.br/historia/> . Data de acesso em 24 de maio de 2023.